VI CONGRESSO INTERNACIONAL DAS **LICENCIATURAS** COINTER - PDVL 2019

**SAÚDE NA ESCOLA: A EDUCAÇÃO COMO PROMOTORA DA
CONSCIENTIZAÇÃO DE DIREITOS À SAÚDE PÚBLICA**

**SALUD EN LA ESCUELA: LA EDUCACIÓN COMO PROMOTOR DE LA
CONCIENCIA DE LOS DERECHOS DE SALUD PÚBLICA**

**HEALTH IN SCHOOL: EDUCATION AS A PROMOTER OF PUBLIC HEALTH
RIGHTS AWARENESS**

Apresentação: Comunicação Oral

Aryadyna Thallya Cordeiro Lourenço de Macêdo¹; Cláudio Galvão de Souza Júnior²

DOI: <https://doi.org/10.31692/2358-9728.VICOINTERPDVL.2019.0068>

Resumo

O presente artigo possui como objetivo central promover a conscientização política e social do indivíduo acerca de seus direitos enquanto cidadão no que diz respeito ao atendimento à saúde. Deste modo, promovendo-a por intermédio do trabalho em sala de aula, de maneira que auxilie e ensine estudantes a possuir autonomia de lidar com algumas situações, como prevenir algumas doenças. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica a qual utiliza como referenciais teóricos, Karl Marx no que se diz respeito à divisão de classes, desigualdade social, e sociedade capitalista, Paulo Freire no que diz respeito à forma de ensino que deve ser ministrada, além de Madel Luz no que se refere à Crise da Saúde, além de outros autores. Sendo assim, foram discutidas as formas de ensino da saúde e a imersão de pessoas de classe considerada baixa pelo meio social, nos sistemas de saúde atual. Deste modo, esta pesquisa sugere também a apresentação de alguns conceitos essenciais para o entendimento do tema aqui proposto.

Palavras-Chave: Desigualdade Social, Direitos Humanos, Educação para a Saúde, Consciência Política e Social, Prevenção para a Saúde.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo central promover la conciencia política y social del individuo sobre sus derechos como ciudadanos con respecto a la atención médica, promoviéndola a través del trabajo en el aula, de una manera que ayude y enseñe a estos estudiantes a tener autonomía para tratar Algunas situaciones, cómo prevenir algunas enfermedades. Para que esto se lleve a

¹ Curso de Licenciatura em Pedagogia, Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, Unidade Acadêmica de Garanhuns – UAG, e-mail: aryadynathallya2018@gmail.com.

² Doutor em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Pernambuco, Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, Unidade Acadêmica de Garanhuns – UAG, e-mail: claudio.galvao@ufrpe.br.

cabo, hay una investigación bibliográfica basada en el marco teórico, Karl Marx con respecto a la división de clases, la desigualdad social y la sociedad capitalista, Paulo Freire con respecto a la forma de enseñanza que se debe dar, además de Madel Luz con respecto a la crisis de salud, como ella la llama, y otros autores. Así, se discutieron las formas de educación para la salud y la inmersión de las personas de clase baja en el entorno social en los sistemas de salud actuales. Por lo tanto, esta investigación también sugiere la presentación de algunos conceptos esenciales para comprender el tema propuesto aquí.

Palabras clave: Desigualdad social, Derechos humanos, Educación para la salud, Conciencia política y social, Prevención de la salud.

Abstract

This article has as its central objective to promote the political and social awareness of the individual about their rights as citizens regarding health care, thus promoting it through work in the classroom, in a way that helps and teach these students to have autonomy to deal with some situations, how to prevent some diseases. For this to be carried out, there is a bibliographic research based on the theoretical framework, Karl Marx with regard to class division, social inequality, and capitalist society, Paulo Freire regarding the form of teaching that should be given, in addition to Madel Luz regarding the Health Crisis, as she calls it, and other authors. Thus, the forms of health education and the immersion of low-class people by the social environment in current health systems were discussed. Thus, this research also suggests the presence of some essential concepts for understanding the theme proposed here.

Keywords: Social Inequality, Human Rights, Health Education, Political and Social Awareness, Health Prevention.

Introdução

A desigualdade social como principal fator, que acarreta numa má implementação da saúde nas classes mais baixas:

Há uma necessidade de se iniciar esta discussão trazendo à tona o conceito de classes e ninguém melhor que Marx para apresentar este conceito e dar luz teórica a este artigo. Para Marx a origem da humanidade está toda fundada sobre a égide da luta de classes, luta esta que foi delimitada por Marx e Engels pela opressão que os burgueses³ faziam sobre o proletariado. Segundo estes teóricos socialistas, quando surge a ideia de propriedade privada, esta classe que antes era singular, ou seja, todo o povo que havia, começa a se desmembrar se tornando agora classes hegemônicas umas às outras, sendo que os burgueses eram considerados os opressores. Sendo assim fica óbvio entender que tudo se inicia pela busca incessante do capitalismo, é claro

³ Torna-se necessário que se acentue que antes da ascensão da burguesia já havia as classes hegemônicas, porém foi a partir de Marx que esta foi organizada de maneira explícita, possibilitando a consciência social e política dos indivíduos.

segundo a ótica de Marx, e que este sistema seria o responsável pelos futuros desdobramentos de separação de classes e das lutas que se seguem. Logo, para Marx, esta luta só será extinta quando o capital for extinto, o que para uma atual sociedade capitalista parece algo utópico e impossível de acontecer. Marx (apud Teixeira, 2008, p.1), traz uma ideia interessante de Marx: “Os homens⁴ fazem sua própria história, entretanto não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com quem se defrontam diretamente, ligadas e transmitidas pelo passado”.

Deste modo o que fica subentendido nesta frase que carrega grande peso teórico, é que não é o “ser”, ou seja o indivíduo, que decide a classe ou o estilo de vida que tomará para si, mas as condições de vida ou de existência que o cerca que lhe mostrará a classe-em-si, e é por meio destas condições que este ser será submetido, além dos interesses em comum e a oposição destes que surgirá então a classe-para-si.

Para Marx e Engels em “A ideologia Alemã:

A consciência é, pois, um produto social e continuará a sê-lo enquanto houver homens. A consciência é. antes de tudo, a consciência do meio sensível imediato e de uma relação limitada com outras pessoas e outras coisas situadas fora do indivíduo que toma consciência; é simultaneamente a consciência da natureza que inicialmente se depara ao homem como uma força francamente estranha, toda-poderosa e inatacável, perante a qual os homens se comportam de uma forma puramente animal e que os atemoriza tanto como aos animais; por conseguinte, uma consciência de natureza puramente animal (...) (1932, p. 16).

Considerando o que foi dito por estes teóricos, pode-se entender que esta consciência será gerada a partir de uma integração com um meio pois a consciência é produto social, e o estranhamento das relações ou de trabalho não geram a consciência automaticamente, sendo essa a diferenciação de classe para si e classe em si.

Pouco importa, de resto, aquilo que a consciência empreende isoladamente; toda essa podridão tem um único resultado: os três momentos, constituídos pela força produtiva o estado social e a consciência, podem e devem necessariamente entrar em conflito entre si, pois, através da divisão do trabalho, torna-se possível aquilo que se verifica efetivamente: que a atividade intelectual e material.(MARX; ENGELS, 1932, p. 17)

Para que de fato seja desenvolvida esta consciência deve-se haver um conflito delimitando assim a atividade intelectual e material, de modo que consiga se entender e visualizar a divisão de classes e se desenvolva a consciência da existência dessa divisão, não sendo a tomada de consciência algo fácil de se desenvolver, pois não é algo automático ou

4 Homens, pois assim é tratado na obra de Marx, mostrando um certo machismo estranhado em meio as práticas discursivas acadêmicas. Ao decorrer deste trabalho será perceptível que em todas as citações utilizadas de Marx possui a palavra “homens” para caracterizar os indivíduos. Podendo esta palavra ser também, uma variação do nome científico, ao qual se utilizava na época para demarcar os sujeitos do meio social.

adquirido de maneira rápida, mas assim como visto antes, ela é produto social e apenas no conflito com o meio, ela será adquirida.

É precisamente esta contradição entre o interesse particular e o interesse coletivo que faz com que o interesse coletivo adquira, na qualidade de Estado, uma forma independente, separada dos interesses reais do indivíduo e do conjunto e tome simultaneamente a aparência de comunidade ilusória, irias sempre sobre a base concreta dos laços existentes em cada conglomerado familiar e tribal, tais como laços de sangue, língua, divisão do trabalho em larga escala e outros interesses; e entre esses interesses ressaltam particularmente os interesses das classes já condicionadas pela divisão do trabalho, que se diferenciam em qualquer agrupamento deste tipo e entre as quais existe uma que domina as restantes (MARX; ENGELS 1932, p. 18).

Quando não tomamos para nós a consciência passamos a considerar e aceitar o que nos é imposto por meio do Estado, como dito na citação acima, somos considerados como “comunidade ilusória”. Deste modo, considera-se apenas a opinião dos de classes sociais mais altas, nos fazendo pensar que esta opinião pertence não apenas às classes mais altas, mas todos, e só por meio da tomada de consciência essa percepção utópica poderá ser desfeita.

Assim, a Classe Social nada mais é que algo imposto a partir do momento em que o sujeito nasce, ou seja, pela relação existente entre os donos do capital e os que possuíam força de trabalho, sendo denominados o patrão e o proletariado, tendo todas as classes o mesmo objetivo que é o de obtenção de capital. Deste modo, não seria o nascimento que caracteriza a divisão de classes que Marx desenvolveu em seus estudos, mas sim a relação de produção, ou seja, o “berço” em que a criança nascia caracterizava a classe em que esta viria a estar inserida.

Partindo ao segundo conceito que será abordado aqui o de desigualdade, pode-se perceber na obra Trabalho Estranhado e Propriedade Privada de Karl Marx, como esta desigualdade é latente no meio capitalista. Nesta obra ele apresenta algo que é vivenciado pelos trabalhadores como a exploração, o valor do trabalho e seu estranhamento com o que foi produzido, já que este apesar de ter feito o produto, não tem direito de receber por aquilo, o que causa muitas vezes o estranhamento do indivíduo, ou seja, do trabalhador, já que o produto fruto do seu trabalho pertencerá a outrem, numa posterior alienação (MARX, 2004).

Logo, é perfeitamente visível a questão da divisão de classes proposta por Marx, e a alienação da classe mais baixa pela mais alta, de modo que os indivíduos não conseguem se libertar desta desigualdade, devido a opressão que é realizada pela classe hegemônica, e a falta de tomada de consciência da Classe Baixa (MARX, 2004). Acontece que o estranhamento do trabalho não gera a consciência de classe automaticamente, sendo essa a diferença entre classe em si e classe para si, logo como visto no livro a Ideologia Alemã de Marx e Engels:

A produção de idéias, de representações e da consciência está em primeiro lugar direta

e intimamente ligada à atividade material e 'ao comércio material dos homens; é a linguagem da vida real. As representações, o pensamento, o comércio intelectual dos homens surge aqui como emanção direta do seu comportamento material. O mesmo acontece com a produção intelectual quando esta se apresenta na linguagem das leis, política, moral, religião, metafísica, etc., de um povo.

Vivemos em um mundo de linguagens materiais, logo a consciência não pode ser tomada ainda, uma vez que nos voltamos apenas à classe “em si”, e não à classe “para si”, e esta, só será possível quando se conseguir se distinguir das outras que apenas existem, ou seja, quando se adquire a “consciência de classe”.

O Trabalho Estranhado e Propriedade Privada de Karl Marx⁵ seria justamente a internalização subjetiva dessa exploração que gera também a desigualdade, que vem intervir na ação estranhada do indivíduo, trazendo a discussão uma interpretação própria desta. Pode-se dizer que vem a se contrapor à desigualdade sofrida pelo sujeito de classe baixa, pois busca a emancipação do indivíduo e libertação do mesmo das amarras da separação social, e isto, é claro, por meio da consciência e da educação, pois é por intermédio delas que o sujeito se apropriará de conhecimentos necessários para superar esta marca histórica, permitindo assim um futuro engajamento social dos indivíduos considerados de classe baixa em outros âmbitos sem que sejam taxados ou que sofram algum tipo de discriminação (MARX, 2004).

Se considerarmos que esta consciência de classe não é algo sólido e sim algo mutável, e levando em conta a ideologia de Paulo Freire (2005, p. 35-41) em Pedagogia do Oprimido, pode-se entender que a conscientização, que é produto social, só será adquirida a partir do momento em que houver o engajamento das camadas populares no processo político que é comandado pela burguesia industrial. Esta educação que deve ser inovada e realizada com a população, e não para ela, deve ser formada de maneira que faça da opressão das lutas vividas, reflexão, e desta forma, essa tão desejada “tomada de consciência” se fará, e assim, como traz Marx, será emancipado o indivíduo. Sendo assim, deve-se entender que o processo de tomada de consciência é um ato complexo e que envolve várias vertentes, sendo necessário se iniciar com o indivíduo, esteja ele em meio escolar ou não.

A desigualdade em saúde pode vir a ser definida como a diferença no que concerne ao acesso à recursos dentre outros fatores que podem vir a influenciar no atendimento à saúde, fatores estes que podem ser alterados de acordo com as circunstâncias e contextos sociais a quais os indivíduos estão imersos (SIQUEIRA, 2008).

⁵Apesar de se falar num possível engajamento social dos indivíduos em âmbitos diferenciados, é importante que seja claro que para Marx este engajamento só ocorreria de fato se o capitalismo fosse destruído.

Essa desigualdade é um problema global que aflige as populações de países mais pobres e também de países ricos, sendo mais crítico na primeira destas duas. O impacto destas desigualdades na saúde, acarretam em uma má implementação da saúde no que concerne as classes sociais consideradas baixas. Segundo a Pesquisa Nacional sobre Saúde e Nutrição (PNSN, 1989 apud ALMEIDA, 2000), cada quintil de renda destinada aos serviços com saúde é padronizado por sexo e idade e divide-se ainda com relação aos saudáveis e doentes, e cerca de 45% das pessoas do primeiro quintil, que tem suas atividades restritas devido à saúde, utilizaram destes serviços. Já para os indivíduos com renda superior esse percentual se eleva para 69,2%.

Logo, observa-se que os serviços de saúde são bem desiguais no que concerne as classes-econômicas, sendo oferecida preferencialmente a camada social mais privilegiada, o que se torna incompatível a realidade social a qual estamos imersos uma vez que é de consenso geral que os menos privilegiados tendem a adoecer precocemente.

É a educação a mola propulsora desta consciência e a escola um potencializador deste processo.

Em face a estas constatações, buscaremos desenvolver a questão de como a educação para a saúde se encontra e quais os fatores preponderantes para sua situação e transformação pela educação.

Fundamentação Teórica

A crise da saúde no Brasil: como ensinar sobre saúde, numa sociedade onde a classe baixa não tem acesso a este sistema?

A questão que dá início a este segundo ponto é algo de vital importância, a preocupação de como o acesso à saúde está sendo de fato efetivado para as camadas e classes mais baixas do meio social e como o ensino da saúde está sendo desenvolvido nas escolas. Madel Luz (2005, p.147) fala que: “A crise da saúde pode ser vista, em primeiro lugar, como fruto ou efeito do crescimento das desigualdades sociais no mundo, consideradas aqui as sociedades do capitalismo avançado (predominante no Primeiro Mundo)” deste modo pode-se tomar como ponto de partida para que esta crise surgisse a desigualdade social acentuada, que gera, deste modo, o anseio pelo desenvolvimento do capital, extinguindo assim, a vontade de combater doenças pelo simples prazer da existência humana e da cura dos males, mas que agora volta-se exclusivamente para o crescimento capital do sujeito.

Seguindo o viés teórico de Ivan Illich em sua obra “A Expropriação da Saúde” diz que “O tratamento dessas infecções poderia tornar-se bem mais eficaz na medida em que fosse desprofissionalizado e passasse a ser parte da cultura higiênica popular (1975, p. 20)”.

Illich ainda faz uma análise a profissionalização do indivíduo a forma como tudo após esta profissionalização gira em torno do capital:

(...)o indivíduo é instruído para seguir o comportamento que convém a uma administração de pedagogos, de pediatras, de ginecologistas, de geriatras e às suas diversas classes de servidores. A riqueza de informações sobre o meio natural é degradada por sua especialização; a escola, a rua e a atmosfera asséptica da clínica se enriquecem de prescrições profissionais e se empobrecem em opções para aqueles que aí se encontram encerrados. O homem domesticado entra em estabulação permanente para se fazer gerir numa seqüência de celas especializadas (1975, p. 43).

O autor fala ainda que quando imersos em instituições ou meios sociais diversos somos influenciados a nos comportar da maneira que melhor convém aquele meio, o que o sujeito entendia sobre determinado assunto é substituído e se inserem novas informações dependendo do local que este emerge, o homem passa a ser domesticado, e seu objetivo volta-se para a classe em si, voltando-se para a tomada e concentração do capital.

A puberdade, a depressão, a esterilidade, o alcoolismo, o homossexualismo, a obesidade permitem classificar os cidadãos em categorias de clientes(...) A sociedade moderna não está apenas estratificada, ela está hierarquizada. Numa tal sociedade, as classes dominantes detêm o monopólio da invenção e da criação. Toda mudança se faz de cima para baixo. Dentro de cada classe as mudanças se operam: 1) em função da distância social que a separa das classes superiores; 2) em função da relação de afinidade ou de oposição entre a mudança e o ethos dessa classe (ILLICH, 1975, p. 46-47).

Sendo assim, pode-se perceber como a saúde passou a ser agora um negócio lucrativo aos que são profissionalizados, o acesso a estas instituições passa a ser agora caracterizado pela classe em que o indivíduo emerge, se seguir uma linha de pensamento em que parte deste pressuposto perceberemos então o porquê do ensino de prevenção não está sendo levado a escolas, considerando que este virou um negócio lucrativo e fonte de capital.

Por esta perspectiva, seria perceptível um melhor atendimento médico da camada popular, uma vez que esta saberia como lidar com tais situações, é claro que com isso não seria possível que a camada popular consiga realizar uma cirurgia ou algo do gênero, mas seria possível a prevenção de algumas infecções e uma melhor higienização para que estes não adoçam.

Nas escolas esta crise do ensino da saúde se dá quando se percebe que não há um desenvolvimento sobre como prevenir tais doenças, para Madel Luz:

Essa crise se torna particularmente aguda nas sociedades onde há desigualdade social profunda, como no continente latino-americano, com a grande concentração de renda

atual gerando problemas graves de natureza sanitária, tais como desnutrição, violência, doenças infecto-contagiosas, crônicas degenerativas, além do ressurgimento de velhas doenças que se acreditavam em fase de extinção, tais como a tuberculose, a lepra, a sífilis e outras doenças sexualmente transmissíveis, que se aliam a novas epidemias como a AIDS. Tudo isto, sem mencionar o consumo de drogas como cocaína e crack, que tem crescido em proporção maior entre nós que nos países do Primeiro Mundo (2005, p.148).

Sendo assim, e sabendo de todos estes agravos, Madel Luz traz em sua fala que se pode pensar num trabalho onde sejam tratados com os alunos e desmistificados alguns dizeres e pensamentos populares sobre algumas dessas doenças como, por exemplo, a sífilis. Oportunizar que os alunos tenham acesso a estas informações é de vital importância para que estes se previnam, e permitir que o aluno traga também conhecimentos e questões próprias para o âmbito educacional, como a sala de aula. É muito importante que ele possa tirar suas dúvidas e saiba se prevenir contra algumas dessas doenças citadas por Madel Luz. Além de que, deve-se pensar num ensino de prevenção não só quando tem seus picos de contágio mais altos, mas que seja constante.

Sabendo que não são todos os jovens de classe baixa que têm acesso ao sistema de saúde que hoje se encontra em situações degradantes aqui no Brasil, o que resta são as lutas promovidas pelos indivíduos para conseguir este acesso, e a tomada de consciência sobre este direito, fará com que os jovens queiram buscar este sistema sendo assegurado a eles pela Constituição cidadã de 1988. A busca por políticas que sanem esta necessidade é primordial, como diz Madel Luz:

Todas são questões que poderiam ser controladas, ou mesmo prevenidas, com políticas sociais adequadas, se os governos desses países estivessem comprometidos com a saúde da população, e não com a atual onda político-ideológica neoliberal, que tem gerado políticas econômicas e sociais agravadoras do quadro sanitário descrito (2005, p.148).

E mais uma vez a questão da busca incessante pelo capital, faz com que a desigualdade social se sobressaia, pois enquanto buscam políticas econômicas com vistas numa maior geração deste capital, esquecem-se da condição de vida dos menos favorecidos, deixando-os a mercê de situações e ambientes inóspitos, mas que acabam sendo obrigados a conviver.

Em A Expropriação da Saúde Illich traz uma ideia interessante sobre saúde e educação, demonstrando que ambas são direitos dos indivíduos:

Essa batalha entre os partidários da igualdade e os da equidade no acesso aos serviços institucionalizados já foi travada no campo da educação, e acaba de ser iniciada no da saúde(...) Pouco importa o aparente vencedor: o verdadeiro será o sistema dos pedagogos e o sistema médico que se verão reforçados, porque o objetivo não é nem

a igualdade das despesas nem a equidade na educação e na saúde, mas igual acesso para todos à dependência em face dos profissionais, às ilusões e aos danos que eles causam (1975, p.89).

Sendo assim, há uma necessidade de se aliar o acesso à saúde e à educação de maneira igualitária, garantindo o direito que é próprio de todo e qualquer cidadão. E nada mais interessante que ensinar em meio a educação como se prevenir tais doenças dentre outras anteriormente citadas, e no campo na saúde, que seja ensinado que esta é direito de todos.

Desta forma quando os jovens tiverem oportunidade de adentrarem nos âmbitos escolares, é relevante que se ensine aos mesmos, modos de prevenir doenças que são comuns ao âmbito, dentre outras, além de fazer com que estes criem consciência de que também possuem direitos, do mesmo modo que possuem deveres para com a sociedade. Ao mostrar estes direitos aos jovens, devem fomentar neles o anseio pela luta social, pela busca de instabilidade e da entrada nos sistemas de saúde, dando autonomia para que os indivíduos tomem consciência e sejam a partir dali participantes ativos dos processos e das lutas sociais. Sendo assim, para que seja possível a compreensão destes direitos tanto em se tratando da inserção em âmbitos hospitalares como algo de direito próprio do ser, como também o direito a educação, faz essencial uma análise a estes direitos e sobre como o processo de tomada de consciência pode ser realizado melhor em âmbito escolar e aliado ao ato de ser conhecedor de direitos que são seus.

3.2 Direito a educação um dever do governo.

Para iniciar a discussão dos direitos faz-se necessária a apresentação do que de fato seria direito, Sérgio Haddad diz:

Assim, dizer que algo é um direito humano é dizer que ele deve ser garantido a todos os seres humanos, independentemente de qualquer condição pessoal. Esse é o caso da educação, reconhecida como direito de todos após diversas lutas sociais, posto que por muito tempo foi tratada como privilégio de poucos (2012 p.217).

Assim pode-se dizer que todos têm direito de adentrarem no campo educacional, visto que este já foi preconizado anteriormente. O governo por sua vez deve criar meios e métodos para que estes indivíduos possam se inserir no âmbito educacional de forma a se desenvolver enquanto cidadãos.

Haddad (2012) esclarece que quando não há inserção deste indivíduo no campo educacional de certa forma o estado ou governo perde um sujeito que poderia gerar mais capital para aquela sociedade, e eis que surge a implementação das Políticas Públicas para que sejam

resgatados estes indivíduos que outrora pensaram em desistir dos estudos por falta de assistência.

Segundo Arroyo, referente ao direito a educação:

A escolarização não é toda a educação, mas é um direito social fundamental a ser garantido (e hoje ainda vergonhosamente desrespeitado), para todo o nosso povo seja do campo ou para a cidade. E nunca a escolarização foi considerada tão importante como hoje (ARROYO, 2009 p.24).

Com a fala de Arroyo é possível se entender o quão precária se encontra a educação nos dias atuais, negar este direito, negar educação, limitar a população a ser apenas mão de obra, não estando ciente dos processos que lhes permeiam, da importância que desempenham ou do quão desvalorizados estão sendo.

Na Constituição cidadã de 1988, é falado no Capítulo II, no que diz respeito aos Direitos Sociais que:

Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição (BRASIL, 2012).

Quando imersos em âmbitos escolares e submetidos a processos educativos como veremos na fala de Haddad, este indivíduo poderá ter mais autonomia de defender seus direitos, segundo Haddad:

(...)as pessoas que passam por processos educativos, em particular pelo sistema escolar, exercem melhor sua cidadania, pois têm melhores condições de realizar e defender os outros direitos humanos (saúde, habitação, meio ambiente, participação política etc.) (2012, p. 218).

Sendo assim, as escolas de hoje devem ensinar para que se pense criticamente, para que se debata temas sobre a política, sobre os direitos e só deste modo, os sujeitos estarão prontos para recuperar seus direitos e se tornarem de fato, agentes do meio social.

Deste modo falta, no que diz respeito a criação de políticas ou na práxis do sujeito que se encontra nesta margem anteriormente citada, a tomada de consciência que como dizia Marx é o ponto de partida inicial, porém a práxis como diz Freire que será visto mais a frente, é essencial neste processo de tomada de direitos.

Como deveria ser o ensino da saúde nas escolas e como está sendo realizado

Se pensarmos agora numa educação onde os assuntos sobre saúde sejam tratados de modo a sanar a necessidade do educando pensa-se logo em Paulo Freire (2005), com sua Educação Libertadora que se contrapõe a bancária, pois com vistas no ensino para alunos das camadas sociais mais baixas imagina-se então que seja difícil atrair estes alunos para o âmbito escolar, sabendo que muitas vezes estas crianças trabalham desde cedo para ajudar a família.

Então propor uma educação onde estes sujeitos de fato sejam ouvidos em sala de aula, onde sua opinião e suas vivências de fato importem é muito importante, não só na área da saúde na matéria de ciência, mas em todas as matérias, proporcionando ao aluno a tomada de consciência, a visão crítica sobre o mundo e a ampliação de sua função como ator social.

Deste modo Paulo Freire⁶ em seus estudos como já foi dito, traz a concepção bancária que para ele:

Na concepção “bancária” que estamos criticando, para qual a educação é o ato de depositar, de transferir, de transmitir valores e conhecimentos, não se verifica nem pode verificar-se esta superação. Pelo contrário, refletindo a sociedade opressora, sendo dimensão da “cultura do silêncio”, a “educação” “bancária” mantém e estimula a contradição (2005, p.34).

Logo se entende o que Freire havia proposto que isso seria a submissão do indivíduo, à medida que este aceita e consente com as informações que lhes são passadas sem questionar ou criticar a ação desempenhada pelo professor em sala de aula. Como diz Freire “Em lugar de comunicar-se, o educador faz comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem (2005, p.33) sendo apenas o “depósito” de “conhecimentos”, e o professor por sua vez apenas dissemina uma série de informações para que este sujeito às memorize.

Em contraponto a este, o mesmo autor preconizava no que chamou de Educação libertadora/problematizadora que os sujeitos deveriam se educar em comunhão, um processo recíproco onde educador e educando aprendem em conjunto:

Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que ao “argumentos de autoridade” já, não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas (2005 p. 39).

A educação ideal para Freire deveria ser aquela que preparasse o indivíduo para pensar criticamente e para exercer sua cidadania perante a sociedade e, para isto, a educação que deveria ser oferecida para estes indivíduos deveria basear-se na “libertação”, claro isso no que diz respeito a pluralidade de ideologias e de “conhecimentos”: permitir que o aluno seja livre para expor seus pensamentos e suas experiências em sala de aula para assim gerar, além do

⁶ Freire, assim como Marx estuda a divisão de classes, ele aborda a consciência de classes, quando delimita quem são os opressores e quem são os oprimidos, propondo assim que a educação bancária seria um instrumento de dominação, a proposta de Freire é a noção de consciência crítica aliada a práxis, como conhecimento prático de classe, caracterizada por alguns como pedagogia da consciência, para Freire não bastava apenas a conscientização, mas havia de se ter a práxis, a ação seria a responsável é claro junto com a tomada de consciência crítica, por mudar a prática de ensino que para ele se preconizava de maneira errada.

caráter argumentativo, o saber se impor a ideais de outrem, promovendo diálogos, debates, rodas de conversa, entre outros, visando o potencial criador do estudante, e o fazendo sair do conceito que Freire chamou de “oprimidos”.

Caso este potencial crítico do aluno não fosse alcançado, em “Pedagogia do Oprimido”, Freire diz que os opressores terão conseguido alcançar seu objetivo com o ensino bancário, segundo ele:

Na medida em que esta visão bancária anula o poder criador dos educandos ou o minimiza, estimulando sua ingenuidade e não sua criticidade, satisfaz aos interesses dos opressores: para estes o fundamental não é o desnudamento do mundo, a sua transformação (2005, p.34).

Pois um indivíduo que não pensa com “sua própria cabeça” não terá condições de lutar para conquistar seus direitos, será apenas mais mão de obra para o país e menos no batalhão das lutas sociais. É necessário que se enfatize e mostre aos estudantes a necessidade de formar sua visão de mundo, para que este possa enxergar de maneira clara e objetiva um direito seu que está sendo negado.

Aplicando, o ensino da saúde nas escolas deve condizer com a realidade do estudante, observando quais as doenças que prevalecem - que mais se sobressaem em níveis de procura hospitalar - na cidade, para que se ensine a prevenir agravos que os rodeiam. Situar o aluno na sua realidade faz com que este tenha mais entusiasmo no processo de aprendizagem, para de fato compreender o que ali é passado. Para Madel Luz:

Não se trata de simplesmente combater ou erradicar doenças: trata-se de incentivar a existência de cidadãos saudáveis, capazes de interagir em harmonia com outros cidadãos, e de criar para si e para os que lhe são mais próximos um ambiente harmônico, gerador de saúde.(2005, p.19)

Logo, não se pretende com este ensino de saúde, que se erradique doenças, ou ensinar que os jovens saibam as curar, mas que estes possam entender como as prevenir, de modo que seja possível viver suas vidas bem, incentivando práticas saudáveis dentre outras, deste modo torna-se essencial a participação do estudante no processo de formação do conhecimento, onde deve haver uma troca de saberes como Freire propõe. Boaventura, Maria Paula e João Arriscado dizem em sua obra “Introdução: Para ampliar o cânone da ciência: a diversidade epistemológica do mundo” que:

A resposta a esta situação de crise epistemológica passa por um duplo processo de debate interno no próprio campo da ciência e de abertura de um diálogo entre as formas de conhecimento e de se saber que permita a emergência das ecologias de saberes em que a ciência possa dialogar e articular-se com outras formas de saber, evitando a desqualificação mútua e procurando novas configurações de conhecimentos (2005, p. 17).

Permitir de fato que estes somem conhecimento em sala de aula, será muito importante para eles, pois será um fator ao qual chamará atenção do educando para o ensino, à medida que se permite que estes participem do que ali se apresenta, e assim como Freire diz: “Há uma quase enfermidade da narração. A tônica da educação é preponderante estar- narrar, sempre narrar” (2005, p.33), não vamos deixar com que nossa geração fique enferma deste problema, não vamos ser meros leitores do que está no livro didático, sejamos fortes para superar este método tradicional de ensino, e assim libertar nossos jovens para o que podemos dizer ser de fato a “Educação”.

Metodologia

Realizou-se uma pesquisa bibliográfica, de modo que se buscou recolher informações acerca do problema ao qual se procura uma resposta. Sendo assim, foram utilizadas informações retiradas de livros, artigos científicos entre outros documentos, com o intuito de defender a ideia a qual se respalda o artigo que aqui se faz.

Segundo Fonseca:

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

Logo há uma necessidade de se respaldar na pesquisa bibliográfica uma vez que buscamos referenciais com o intuito de colher informações para procurar entender e responder o problema que aqui se encontra, ou seja como o serviço de saúde tem sido ofertado a sociedade e como a classe social do indivíduo influencia neste atendimento.

Tendo se utilizado da abordagem qualitativa, uma vez que preza pela qualidade das fontes utilizadas e não pela representatividade numérica em si, sendo assim segundo Goldenberg:

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria. Assim, os pesquisadores qualitativos recusam o modelo positivista aplicado ao estudo da vida social, uma vez que o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preceitos e crenças contaminem a pesquisa (GOLDENBERG, 1997, p. 34).

Deste modo, tentaremos por meio desta abordagem não quantificar valores ou números

de referenciais, considerando que os dados analisados se valendo desta abordagem são não-métricos.

Conclusões

Sendo assim, e após todo este aporte teórico e discussão ideológica faz-se de vital importância que se considere o ensino participativo da saúde na sala de aula, visando situações as quais o indivíduo possa não só em se prevenir de doenças pelo ensino de boas práticas saudáveis aos mesmos, mas também que desenvolvam reflexões para que exerçam voz e direitos, para saber como promover e participar de ações de promoção à saúde.

Como pudemos encontrar nesta pesquisa bibliográfica, o ensino ao modo de Paulo Freire parece ser uma boa opção nestes casos onde os alunos se encontram dispersos ou sem interesse de participação em aulas sobre temas que tratam de direitos garantidos. Devendo-se envolver o aluno e deixar com que este sinta que é parte importante no processo de criação do conhecimento é importantíssimo, além de dar subsídios para que os alunos compreendam os direitos aos quais possuem, para que lutem por uma saúde melhor, entre outros.

Sendo assim, e ao final de toda esta discussão teórica, formaremos futuros cidadãos conscientes e aptos a participarem da luta pelos direitos, da formação de ideologias e busca de estabilidade social. É de vital importância que entendamos que a conjuntura política a qual estamos imersos atualmente é corrupta e que para que avanços ocorram principalmente no campo da educação. É necessário que nós lutemos, que ergamos a bandeira e que todos somos agentes ativos do processo de desenvolvimento e que as mudanças só ocorrerão se formos à luta pelo direito a voz e vez pela igualdade social. Segundo Marx (2010, p.38 apud SÉRGIO HADDAD, 2012, p. 577):

Do ponto de vista político, Estado e organização da sociedade não são duas coisas distintas. O Estado é a organização da sociedade. Donde concluímos que, para mudar o Estado, é preciso alterar as leis que regem a sociedade. E estas leis não são naturais, mas sim, sócio-históricas, ou seja, produzidas pelos seres humanos, em especial a classe trabalhadora, a quem cabe a função de revolucionar a sociedade e o Estado.

Referências

ARROYO, M. G. **A educação Básica e o Movimento Social do Campo**. In: ARROYO, M.G; CALDARTE, R.S. MOLINA, M.C (org.). Por uma educação do campo. 4.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 66-86.

BRASIL. **Constituição 1998**, - 35º Ed.- Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2012. P. 454 Disponível em:

file:///C:/Users/TOOLS.NET/Downloads/constituicao_federal_35ed%20(2).pdf acesso em: 23 de dez de 2017.

ENGELS, F. Marx, k. **A Ideologia Alemã**, Disponível em: <https://pcb.org.br/portal/docs/aideologiaalema.pdf> Acesso em: 17 de fev de 2018.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Ed. 46. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

ILLICH, IVAN. **A Expropriação da Saúde: Nêmis da Medicina**, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, ed. 3º, 1975 Disponível em: <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/3205.pdf>. Acesso em: 17 de Fev de 2018.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

LUZ, Madel Therezinha. **Cultura Contemporânea e Medicinas Alternativas: Novos Paradigmas em Saúde no Fim do século XX**, Ver. Rio de Janeiro, Saúde Coletiva, 2005 (p.145-176).

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-filosóficos: Trabalho Estranhado e Propriedade Privada**, São Paulo, Boitempo Editorial, 2004 Disponível em: http://www.giovannialves.org/Manuscritos_TrabalhoEstranhado.pdf Acesso em: 22 de dez de 2017.

TEIXEIRA, Kleber Garcia. **Questão de classe (social): O proletariado de Marx segundo Sérgio Lessa**, 2008, Disponível em: <http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/terceirosimposio/kleber.pdf>. Acesso em: 22 de dez de 2017.